



Dolores Redondo À espera do dilúvio

Tradução

Ana Maria Pinto da Silva

 Planeta

Para Luisa Vareiro, por partilhar com todos os teus vizinhos, quiséssemos ou não, a tua paixão por Mocedades e, em particular, por Amor de Hombre. Em muitos momentos foste a pessoa mais divertida da minha vida. Obrigada.

Ao meu amigo o escritor Domingo Villar, que partiu enquanto eu terminava este romance. Também creio que do outro lado há sol, tem de haver para pessoas como tu.

Para Neme, Bego e Olatz, sabem bem porquê.

Para Eduardo, o meu amor de homem, que jamais me farás chorar, salvo se te passar pela cabeça partir antes de mim.

A história é a minha musa. Reescrever a história segundo os meus próprios requisitos é o meu trabalho como romancista. Eu distorço, revejo, reinvento e saqueio a história, e volto a reconstruí-la como um quadro em larga escala.

JAMES ELLROY, no epílogo
de *A Dália Negra*

Não se trata de uma aula de História.

BENEDICT CUMBERBATCH, em resposta
a Sam Elliott pelas suas críticas
a *O Poder do Cão*

Desaparecer significa com frequência sofrer uma perda de identidade ou uma perda de lugar; às vezes pressupõe perder uma vida.

ANDREW O'HAGAN,
em *The Missing*

Sobre *À Espera do Dilúvio*

Entre os anos de 1968 e 1969, o assassino que a imprensa batizaria como John Bíblia matou três mulheres em Glasgow. Jovens, morenas, com idades compreendidas entre os vinte e cinco e os trinta e dois anos. Conheceram-na a todas na discoteca Barrowland, O assassino nunca foi identificado e o caso ainda continua sem resolução. Constituiu uma das perseguições mais extremas da história criminal da Escócia.

No entanto, a sombra projetada de Bíblia não caiu no esquecimento, nem para a sociedade escocesa nem para a investigação policial.

Em 1996, Donald Simpson, no seu livro *Power in the Blood*, afirmava ter conhecido um homem que lhe confessou ser John Bíblia. Além disso, contou que esse homem tinha tentado matá-lo e que tinha provas de que sempre havia agido em Glasgow. É um facto que nesse intervalo de tempo existem crimes por resolver que poderiam ser-lhe atribuídos, alguns na costa oeste escocesa e dois em Dundee, em 1979 e 1980; em todos eles, as vítimas apareceram nuas e estranguladas como as de John Bíblia. Naquela época, o *Scotland on Sunday* afirmou que a polícia de Strathclyde estava na posse de novas provas sobre a investigação de Bíblia baseadas no ADN extraído do sêmen encontrado na terceira vítima (e preservado graças ao bom trabalho de um agente que nos anos sessenta recolheu a prova, apesar de naquele tempo os testes de ADN pertencerem ao âmbito da ficção científica). A polícia pôs em marcha uma operação para comparar o ADN com o de todos os possíveis criminosos violentos conhecidos pelo sistema. Um desses criminosos, John Irvine McInnes, tinha-se

suicidado em 1980, pelo que se usou uma amostra facilitada por um familiar como comparação. O resultado produziu os dados suficientes que justificaram o pedido de exumação do cadáver. No entanto, não se obteve uma correspondência total (tenhamos em conta que, em 1996, os testes de ADN ainda não haviam alcançado o nível de precisão dos que são feitos nos dias de hoje). Contudo, já nessa altura levantou uma enorme dúvida sobre o perfil do delinquente. Os jornais da época sugeriam que John Bíblia pode ter-se assustado com a investigação, mas, com os conhecimentos criminalísticos atuais, sabemos que isto era muito pouco provável, tal como era o facto de um assassino parar de matar durante os onze anos anteriores ao seu suicídio. Acontece que, além disso, John Irvine McInnes fez parte da fila de reconhecimento inicial na frente da irmã de Helen Puttock, uma das vítimas, que não o reconheceu, apesar de ter passado grande parte da noite junto de Helen e do homem que acabaria por matá-la, e inclusive efetuou um trecho da viagem de regresso a casa com eles no mesmo táxi. Em 1996 voltou a repetir a mesma coisa que disse da primeira vez: que aquele homem não era John Bíblia. A polícia descartou-o.

Em finais da década de 2000 começou a especular-se sobre a possibilidade de um assassino em série e violador chamado Peter Tobin ser John Bíblia. Após a realização das análises pertinentes e dos estudos de personalidade, a polícia também acabou por descartá-lo. Em janeiro de 2022, a BBC emitiu um documentário intitulado *The Hunt for Bible John*. Nos dias de hoje, o caso John Bíblia continua em aberto e, para nós, continua vivo.

No verão de 1983 eu tinha catorze anos. Viajara para a Galiza com os meus tios pela primeira vez na minha vida e, para mim, foi o verão da música. Tal como sucede com frequência com as recordações, sou incapaz, e além disso recuso-me, a atribuir-lhes datas demasiado definidas. Que diferença faz se aquilo que me marcou tanto sucedeu um mês antes ou depois? Ou se Nik Kershaw já tinha publicado o seu álbum ou não? Ou se no final *Wouldn't It Be Good* se transformou num hino para mim?

Foi o início da minha adolescência, o primeiro verão sem os meus pais, tomar consciência do interesse que despertava nos rapazes... e a música. Até então a música provinha do que ouviam os meus pais, da coleção de cassetes do meu avô e do repertório dos arraiais em Trinchêrpe. Alguém me perguntou nesse verão: de que tipo de música gostas? Passei boa parte das férias a pensar na resposta. No dia em que embarquei no comboio a fim de regressar ao País Basco, levava na minha mala um par de vinilos comprados na Vázquez Lescaille, em Pontevedra, com o dinheiro que um familiar me deu quando me conheceu. A partir desse instante, a música transformou-se em algo fundamental na minha vida.

A outra coisa que recorro daquele mês de agosto de 1983 foi a viagem de regresso a casa de comboio. Ia sozinha, mas ao cuidado de uns conhecidos dos meus tios, que iam trabalhar no porto de Santurce. Até Burgos correu tudo bem, mas assim que entrámos no País Basco a velocidade do comboio começou a abrandar até quase parar em alguns troços. As pessoas aglomeravam-se nos corredores tentando ver alguma coisa pelas janelas. Eu arranjei um bom lugar e observei algo que chamava bastante a atenção. À medida que nos aproximávamos de Bilbao, havia uma grande quantidade de objetos de todo o tipo presos nas copas das árvores altíssimas nas margens do rio Nervión. Objetos que então me pareceram deveras absurdos: lençóis, casacos, luvas, sapatos, bidões de plástico, malas, roupa de todo o tipo. Não sei por que motivo recorro em particular um pijaminha de bebé. Talvez porque nessa altura a minha irmã tinha apenas dois anos e meio. Havia muitos operários a trabalhar nos carris, lembro-me dos seus impermeáveis amarelos. Quando o comboio descreveu uma curva apertada, pude ver como aqueles homens se encontravam atarefados, reforçando com sacos de areia as zonas laterais onde a água havia arrastado parte do aglutinante que sustentava as vias-férreas. À medida que avançávamos, o cenário ia-se tornando cada vez mais desolador. As pessoas murmuravam algo sobre uma grande inundação que, tendo em vista a altura das árvores onde os objetos haviam ficado presos, deveria ter sido impressionante. Muito antes de entrar na cidade, o comboio deteve-se e, como que em jeito de compensação pela sua imobilidade, os rumores começaram a circular no interior a toda a velocidade. Falavam de mortos, de desaparecidos, de uma grande

destruição, de um dilúvio bíblico. Eu mantinha-me firme, agarrada ao corrimão debaixo da janela, escutando tudo aquilo e rezando para que não fosse verdade. Então o comboio voltou a pôr-se em andamento devagar e, pouco a pouco, fomos entrando em Bilbao.

Sempre que me lembro disso, parece-me estar a ver uma dessas fotografias da Segunda Guerra Mundial onde tudo é cinzento, apenas uma escala entre o branco e o negro. A destruição era tremenda, via-se tudo coberto por uma pátina pardacenta de lama. Toneladas de ramos de árvores arrancados pela raiz, plásticos e mais roupa arrebatada pela força da água de estendais e de lojas, ou dos corpos que havia arrastado. Uma miscelânea de objetos que me pareceram ainda mais absurdos. Brinquedos, manequins que mantinham a sua pose elegante arremessados no meio do lodo e dos escombros, luvas de trabalho, ferros retorcidos, carros de rodas para cima. Aquilo era a grande Bilbao. Eu conhecia a cidade e lembro-me de que a primeira vez que a vi pensei que era assustadora de tão grande, escura, poderosa, e, no entanto, agora tinha-a na minha frente com as suas vergonhas expostas, repleta de lodo, triste e derrotada. Era agosto, mas recordo o frio causado pela desolação. A angústia de ver aquela cidade titânica num estado como esse foi avassaladora. Comecei a chorar. Se a poderosa Bilbao se encontrava assim, como estaria a minha casa?

Em 1983 não existiam telemóveis. A última vez que havia falado com a minha mãe foi apenas um dia antes de iniciar a viagem. Nessa altura, quando se estava de férias, telefonava-se para casa quando muito uma vez por semana. Talvez devêssemos recuperar esse bom hábito. O resto dos passageiros do comboio não parecia estar na posse de notícias mais frescas do que eu. Uma mulher que ia para Irún apercebeu-se de que eu estava a chorar e tentou consolar-me ao mesmo tempo que instigava os outros a calarem-se para não me angustiarem mais. Disse-me que havia telefonado para sua casa na noite anterior e que lá as chuvas não haviam causado tantos estragos, embora houvesse zonas de Guipúscoa muito afetadas. «De certeza que na tua casa estão todos bem, não te preocupes.»

Estivemos várias horas parados nas imediações de Bilbao, e aí desceram os que se dirigiam a Santurce ante a impossibilidade de chegar à estação. Os operários que trabalhavam nas rias falavam de dezenas de

mortos, desaparecidos, animais afogados, edifícios destruídos, empresas varridas da face da Terra. Quando o comboio se pôs, por fim, em marcha, regressámos pela linha férrea por onde tínhamos vindo, no meio de uma paisagem de campos alagados, correntezas abertas em qualquer parte, e o que haviam arrastado as inundações espalhado por todo o lado.

Quando cheguei a Donostia, estava tudo bem, a minha família estava a salvo e nem sequer tinham ficado a saber que o que havia acontecido em Bilbao tinha sido tão grave. Ao início da tarde assistimos ao noticiário regional da Televisão Espanhola e, embora tivessem dado a notícia, usaram imagens de arquivo, uma vez que as comunicações tinham ficado de tal maneira afetadas que conseguir as imagens reais teria sido impossível.

Aquele foi o verão da música e foi também o verão em que comecei a escrever.

Escrever este romance custou-me trinta e nove anos. Sei que comecei a forjá-lo naquele dia no comboio. Hoje regresso a Bilbao para terminar esta história, que, tal como poderão ver, não se trata de um tratado histórico nem um guia de ruas. Tomei algumas liberdades, já vos tinha avisado de que me recuso a ser minuciosa com as recordações: metade delas são reais, a outra metade é fruto do amor pela minha terra, da necessidade de música na minha vida, do medo por que passei naquele dia e do prazer que continua a causar-me continuar submetida à doce tortura de sair incólume de todas as catástrofes que a minha mente faz questão de imaginar para me roubar o sono.

Sou uma escritora de tempestades.

O garoto

Harmony Cottage

O garoto deteve-se na ombreira da porta. Tremeu ao sentir o intenso frio do exterior. Passeou o olhar pela superfície tranquila das águas do lago, que brilhavam sob a luz da lua cheia, e, depois, dirigiu-o para o céu. O choro incipiente toldou-lhe a visão. Não queria fazê-lo. Queria voltar para dentro, para junto do aquecimento, queria ler uma história e adormecer ali. Quando adormecia no chão diante do lume, ninguém se incomodava em levá-lo para a cama, e desse modo ele podia descansar.

Lá de dentro chegaram-lhe as vozes urgentes e exigentes.

– Fecha a porta de uma vez por todas e faz o teu trabalho, pequeno Johnny, se não quiseres que vá até aí e te dê uma tarefa.

Agarrou-se à porta atrás de si de modo a parar de ouvi-las. Fechou os olhos e duas grossas lágrimas deslizaram-lhe pela pele, que já começava a perder o calor. Com a mão livre afastou-as do rosto quase com fúria. De nada servia chorar. Estava sempre a repetir a mesma coisa, mas cada vez que tinha de fazê-lo, o pranto surgia de novo. Avançou carregando o pesado balde de madeira na direção de um dos lados da casa. Havia ali um pequeno tanque de pedra debaixo do bico de uma torneira antiga. Pendia de um cano meio solto que descia pela parede da casa desde a colina. Apoiada ao flanco havia uma velha tábua de lavar roupa, uma escova de madeira de cerdas duras e uma lata que continha o sabão de soda que elas fabricavam com os restos da banha de cozinhar. Pousou o balde no chão e teve de usar as duas mãos para abrir a torneira enferrujada. Ainda era possível fazê-lo ali, e à medida que o inverno avançasse

e as temperaturas fossem baixando, a quantidade de água que brotava da bica tornar-se-ia mais escassa, até acabar por congelar. Então teria de se deslocar até à beira do lago e seria ainda pior.

A pia era funda. Mesmo que se pusesse em bicos de pés não chegava a tocar no fundo com o braço esticado. Quando era mais pequeno, uma vez por outra e durante o verão, tinham-lhe dado banho nela. Às vezes pensava que, se alguém com problemas de locomoção, como a tia Emily, que tivera poliomielite em criança, caísse de cabeça no tanque, era provável que morresse. Imaginá-la a espernear enquanto se afogava causou-lhe uma pequena satisfação.

Quando conseguiu abrir a torneira no máximo, deixou que a água corresse com abundância, batendo de encontro ao fundo da pedra do tanque. Arregaçou as mangas da camisola muito acima dos cotovelos, assegurando-se de que estas ficavam bem presas. Pegou na tábua de madeira, tão usada que as pequenas saliências arredondadas destinadas a esfregar a roupa estavam rombas e quase niveladas com o resto da madeira. Encostou-a ao rebordo.

Inclinou-se sobre o balde e afastou a tampa. O cheiro era nauseabundo e ainda não lhe havia tocado. Sabia que, assim que comesse a mexer no seu conteúdo, o fedor impregnaria as suas fossas nasais, infiltrando-se-lhe na boca e colando-se-lhe ao céu da boca, onde permaneceria durante horas. Fizesse o que fizesse, não seria capaz de despegá-lo dos dentes, da língua e cada golfada de ar levaria agarrada aquela pestilência. Um novo ataque de choro sacudiu o garoto, agitando o seu corpo franzino, e foi obrigado a agarrar-se ao tanque, subjugado pela náusea. Tossiu e arderam-lhe os olhos, ao mesmo tempo que um ricto de sofrimento lhe curvava a boca como a de um palhaço triste.

Olhou para a parede lateral da casa, de certeza que ninguém viria. Era indiferente quanto tempo demorasse a realizar essa tarefa, uma hora ou cinco. A única coisa que sabia com certeza era que não podia voltar para dentro de casa sem ter terminado. Tentando manter a cara o mais afastada possível do balde, voltou a inclinar-se e às cegas meteu a mão lá dentro até roçar no pano, depois puxou por ele e de imediato uma baforada putrefacta espalhou-se ao seu redor. Todavia, o pior era tocar-lhe. Estava ligeiramente morno. Sempre estava, tanto fazia que o tivessem mantido

no parapeito ou num canto da retrete, onde a janela arrancada do caixilho permanecia sempre aberta. Estava a apodrecer. Ele era um rapaz do campo, sabia o que acontecia quando alguma coisa apodrecia. Sem olhar, atirou-o para cima da tábua e deixou que o jato de água corresse, arrancando da superfície os coágulos negros, e por vezes tão grossos que pareciam pequenas criaturas em decomposição. Com as pontas dos dedos pegou num bocado de sabão de soda e na escova de madeira e, já arrebatado de todo pelo choro e pelas náuseas, começou a limpar o sangue.

John Bíblia

Glasgow, 1983

John demorou-se de forma deliberada diante do grande espelho que havia junto aos lavabos. Enquanto fingia ajeitar a roupa, observou a mulher através do reflexo.

Havia muitos homens na discoteca nessa noite, mas isso não o preocupava: deixá-la sozinha no balcão depois de a ter convidado para beber um copo era um risco calculado. Ao mesmo tempo que puxava com suavidade pelos punhos da camisa, viu a rapariga recusar a companhia de um par de fulanos que se aproximaram dela e dirigir um olhar esperançoso na direção da zona das casas de banho. Estava à espera dele.

Tinha consciência de que ela também podia vê-lo, pelo menos de forma parcial, por isso de vez em quando virava-se um pouco para a direita, como se estivesse a falar ou a escutar o que alguém, invisível para ela, lhe dizia.

Tinha dito que se chamava Marie, e até podia ser verdade, em lugares como aquele nunca se sabia; em diversas ocasiões havia descoberto mais tarde, através da imprensa, que o nome que lhe tinham dado não era o verdadeiro.

No seu caso, sempre que lhe perguntavam o nome, respondia: «John, chamo-me John.» E manifestava-o com segurança e com a voz um pouco mais alta do que o normal. Não fazia grande questão em sublinhá-lo ou em destacar-se, por conseguinte se por acaso alguém se lembrasse do nome do homem com quem a rapariga tinha saído, quiçá um empregado de mesa ou algum dos casais que se sentavam mais perto deles, diria:

«Creio que ouvi o tipo dizer que se chamava John, sim, tenho a certeza, ele disse que se chamava John.»

Gostava de imaginar a cara dos polícias ao ouvir o nome. Era uma travessura e mais um risco calculado, mas não se expunha muito mais além disso. Esforçava-se para que tudo o que pudessem recordar dele não servisse para nada.

Confirmou o seu aspeto ao espelho. Os sapatos limpos, as calças de ganga passadas a ferro, o *blazer* azul-marinho e a camisa branca. O cabelo castanho apresentava matizes arruivados conforme a luz incidia sobre ele e usava-o penteado com um corte simples. Asseado. Adorava aquela palavra. *Asseado*. Era assim que o haviam descrito anos antes as poucas testemunhas que se recordavam de si: um jovem alto, magro, cabelo castanho, aspeto asseado, nada mais... Bom, sim, talvez tenham mencionado um ou outro dente torto. Uma ninharia que já havia corrigido há algum tempo.

Forçou um sorriso na frente do espelho e observou satisfeito os seus dentes brancos e alinhados. Com dedos hábeis retirou um grão invisível de pó da ombreira do casaco e, através do reflexo, voltou a concentrar-se na jovem.

John possuía uma estratégia sagaz e discreta que consistia em posicionar-se em algum lugar do balcão perto da entrada do local. Foi assim que a viu. Chegou com duas amigas que faziam parte do grupo que acabava de desembarcar do autocarro. Observou a maneira como caminhava. Por experiência própria sabia que as raparigas tinham uma maneira distinta de se mover «nesses dias». Usava calças escuras e escolhera uma blusa comprida e folgada que lhe cobria as ancas, o que contrastava com as amigas, que vestiam *top* e minissaia. John era um grande observador do mundo feminino e sabia que muitas vezes os grupos de amigas costumavam vestir-se de modo semelhante. Contudo, a roupa não era o único indício. Seguiu-a à distância misturando-se no meio das pessoas que abarrotavam o local. Viu-a ir dançar com as outras raparigas, embora passado um bocado tenha abandonado a pista de dança e se tenha colocado junto a uma coluna a beber *Coca-Cola* e a sorrir para as amigas, que continuavam a dançar.

A escuridão e o ambiente barulhento da discoteca permitiram que John fosse postar-se atrás dela de modo a poder sentir o seu cheiro ao

mesmo tempo que fingia observar a pista. Aspirou o seu aroma. Notou o suave suor das suas axilas, misturado com uma água-de-colónia de notas adocicadas que parecia estar na moda entre as raparigas, e aquele outro odor, metálico, salobro e ácido. Franziu um pouco o lábio superior sem conseguir conter um esgar de asco. E quase em simultâneo sentiu a ereção retesando-lhe o membro sob o tecido dos *jeans*.

Sem nunca a perder de vista, afastou-se uns quantos passos e enfiou a mão direita no bolso do casaco. Com a ponta dos dedos acariciou o cetim do laço vermelho que ali tinha guardado. Pensou em Lucy e, repreendendo-se, mordeu a parte interior da bochecha até que a dor anulou a outra sensação, recuperando depois a compostura.

Depois foi fácil, sempre o era. A fórmula funcionava na perfeição há anos, com ligeiras alterações. Deter-se-ia ao seu lado e começaria a falar, dir-lhe-ia que também não lhe apetecia dançar e que estava a pensar em beber alguma coisa, gostaria de acompanhá-lo? Ela fitá-lo-ia e veria o que viam todos: um homem jovem, mas não um miúdo. Limpo, bem vestido, ainda que sem ostentação, educado, amável. Asseado. E que reparara, com toda a probabilidade, na única rapariga que vestia calças e uma blusa ampla em toda a discoteca.

Ele falaria sobre qualquer coisa, evitando assuntos conflituosos. Far-lhe-ia um par de elogios nada exagerados e deixaria escapar que tinha emprego, que na realidade não gostava muito de lugares como aquele, que o que adorava fazer era conversar, coisa que, com aquela barulheira, era quase impossível, que tinha o carro no parque de estacionamento e que podiam ir onde ela quisesse. E apressar-se-ia a acrescentar, antes que ela tivesse tempo de se opor ao que quer que fosse, que, como é óbvio, ficaria muito feliz em levá-la a casa se fosse isso que ela quisesse. E a rapariga aceitaria porque ele era encantador, porque ela tinha ido até ali de autocarro, porque todas queriam um namorado com veículo próprio. Aceitaria, apesar de nos jornais se falar a toda a hora e a todo o instante da quantidade de jovens que haviam desaparecido e embora, com toda a certeza, tivesse escutado milhares de vezes os avisos para não entrar em carros de desconhecidos. John sabia o que ela responderia quando lho propusesse, apesar de tudo e embora não devesse fazê-lo «nesses dias». Era até provável que a grande vadia aceitasse ter relações sexuais

quando ele lho insinuasse. Então espancá-la-ia com fúria, com violência, eliminando a cada pancada a maquilhagem e o sorriso. Arrancar-lhe-ia a roupa e fâ-la-ia em farrapos e, com as suas próprias meias, o cinto ou o sutiã, estrangulá-la-ia até que parasse de gritar enquanto a violava. E depois levá-la-ia para casa, a fim de dormir junto das suas irmãs, deixando que o lago purificasse aquela mulher. Era um incómodo, mas era assim que devia ser feito. Noutros tempos tê-la-ia deixado estendida na rua ou num parque, teria procurado na sua mala os tampões ou os pensos higiénicos e tê-los-ia colocado em cima do cadáver de modo a recordar àquelas cabras que não deviam aproximar-se de um homem quando estivessem menstruadas.

Só de pensar nisso causou-lhe um intenso formigueiro na zona genital. Mordeu com força a parte interior da bochecha ao mesmo tempo que a fitava de longe no espelho e, quando se sentiu preparado, voltou para junto dela.